



# SEM VOCÊ NÃO É VERÃO

Da mesma autora do best-seller  
Para todos os garotos que já amei

# Jenny Han

intrínseca

**SEM  
VOCÊ NÃO  
É VERÃO**

*Jenny  
Han*

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



Copyright © 2010 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

**It's Not Summer Without You**

EDIÇÃO

**Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais**

REVISÃO

**Rayssa Galvão**

**Juliana Werneck**

DIREÇÃO DE ARTE

**Lucy Ruth Cummins**

ARTE DE CAPA

**©2017 Jim Tierney**

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING

**Antonio Rhoden**

REVISÃO DE E-BOOK

**Juliana Pitanga**

GERAÇÃO DE E-BOOK

**Intrínseca**

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

# Sumário

<u>Sem você não é verão</u>	
<u>Folha de rosto</u>	
<u>Créditos</u>	
<u>Dedicatória</u>	
<u>1</u>	
<u>2</u>	
<u>3</u>	
<u>4</u>	
<u>5</u>	
<u>6</u>	
<u>7</u>	
<u>8</u>	
<u>9</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	
<u>19</u>	
<u>20</u>	
<u>21</u>	
<u>22</u>	
<u>23</u>	
<u>24</u>	
<u>25</u>	

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[Alguns anos depois](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

*J + S para sempre*

# 1

**2 de julho**

ERA UM DIA quente de verão em Cousins. Eu estava deitada à beira da piscina cobrindo o rosto com uma revista aberta. Minha mãe jogava paciência na varanda, e Susannah andava de um lado para o outro na cozinha — provavelmente não demoraria a sair de lá com um copo de chá gelado e um livro para mim. Alguma história romântica.

Conrad, Jeremiah e Steven tinham passado a manhã toda surfando. Caíra uma tempestade na noite anterior. Conrad e Jeremiah voltaram para casa primeiro, e os ouvi antes de vê-los. Os dois subiram os degraus da varanda às gargalhadas por Steven ter perdido a bermuda depois de ser atingido por uma onda forte. Conrad veio até mim, levantou a revista molhada com o suor do meu rosto e sorriu.

— Tem palavras coladas na sua cara — avisou.

Eu o encarei, estreitando os olhos.

— Quais?

Ele se agachou ao meu lado e disse:

— Não sei ao certo. Deixa eu ver.

E então olhou para o meu rosto muito sério. Ele se inclinou na minha direção e me beijou, com os lábios frios e salgados da água do mar.

— Ei, vocês dois, vão fazer isso em um lugar com mais privacidade — disse Jeremiah, mas eu sabia que ele estava brincando.

Ele deu uma piscadela para mim, se aproximando por trás, levantou Conrad e o atirou na piscina.

Depois se jogou na água também, gritando:

— Vem, Belly!

Claro que entrei com eles. A água estava ótima. Melhor do que ótima. Como sempre, Cousins era o único lugar onde eu realmente queria estar.

\* \* \*

— Ei! Ouviu alguma coisa do que acabei de dizer?

Reabri os olhos. Taylor estava estalando os dedos diante do meu rosto.

— Desculpe. O que você estava dizendo?

Eu não estava em Cousins. Conrad e eu não éramos mais um casal, e Susannah já não estava mais entre nós. Nada jamais voltaria a ser como antes. Já fazia — *Quantos dias fazia? Quantos dias exatamente?* — dois meses que Susannah havia morrido, e eu ainda não conseguia acreditar. Não conseguia me fazer acreditar. Quando alguém que amamos morre, não parece real. É como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Como se fosse a vida de outra pessoa. Eu nunca fui boa com coisas abstratas. O que significa quando alguém vai embora de verdade, para sempre?

Às vezes, eu fechava os olhos e pensava, sem parar: *não é verdade, não é verdade, isso não é real. Isso não é minha vida.* Mas era minha vida. Era o que minha vida se tornara. Depois de tudo.

Eu estava no quintal da Marcy Yoo. Os garotos se divertiam na piscina, e as garotas estavam enfileiradas deitadas em toalhas de praia. Eu era amiga da Marcy, mas as outras, Katie, Evelyn e mais algumas, eram amigas da Taylor.

Era pouco depois do meio-dia, e já passava dos 30 graus; seria uma tarde quente. Eu estava deitada de barriga para baixo, sentindo o suor se acumulando na parte inferior das minhas costas. Estava começando a ficar com insolação. Era apenas o segundo dia de julho e eu já contava os dias para o verão acabar.

— Eu *perguntei* o que você vai usar na festa do Justin — repetiu Taylor.

Nossas toalhas estavam tão próximas que pareciam uma única toalha imensa.

— Não sei — respondi, virando a cabeça para ficar de frente para ela.

Havia gotículas de suor no nariz de Taylor, onde ela sempre suava primeiro.

— Vou usar aquele vestido novo que comprei com a minha mãe no shopping — comentou.

Fechei os olhos outra vez. Como eu estava com óculos de sol, ela não sabia se meus olhos estavam abertos ou não.

— Qual? — perguntei.

— Aquele de bolinhas que amarra no pescoço. Eu te mostrei há uns dois dias.

Taylor soltou um suspiro impaciente.

— Ah, sim — falei, embora ainda não lembrasse, e sabia que Taylor tinha noção disso.

Comecei a dizer outra coisa, elogiando o vestido, mas de repente senti algo gelar minha nuca. Soltei um gritinho, e lá estava Cory Wheeler, agachado ao meu lado com uma lata de Coca-Cola na mão, se contorcendo de tanto rir.

Eu me sentei e olhei furiosa para ele, passando a mão na nuca. Já estava de saco cheio daquele dia e só queria ir para casa.

— Que droga, Cory!

Ele continuou rindo, o que me deixou ainda mais irritada.

— Cara, como você é imaturo.

— Mas você parecia estar com muito calor — retrucou ele. — Eu só estava tentando ajudar você a se refrescar.

Não respondi nada, apenas continuei com a mão na nuca. Meu maxilar estava tenso, e percebi que todas as outras meninas olhavam para mim. Então, o sorriso de Cory meio que desapareceu, e ele disse:

— Me desculpe. Quer a Coca?

Balancei a cabeça, e ele voltou para a piscina. Então vi Katie e Evelyn fazendo uma expressão tipo *qual é o problema dela?* e fiquei sem graça. Ser agressiva com o Cory era como ser agressiva com um filhote de pastor-alemão: simplesmente não fazia sentido. Tarde demais. Tentei fazer contato visual com ele, mas Cory não voltou a olhar para mim.

— Foi só uma brincadeira, Belly — murmurou Taylor.

Eu me deitei de novo na toalha, desta vez de barriga para cima. Inspirei fundo e soltei o ar lentamente. A música que saía da caixa de som ligada ao iPod de Marcy estava alta demais e me deixando com dor de cabeça. E eu estava *mesmo* com sede. Devia ter aceitado aquela Coca que o Cory ofereceu.

Taylor se inclinou na minha direção e levantou meus óculos para espiar meus olhos.

— Você está brava?

— Não. É só que está quente demais aqui.

Sequei o suor da testa com o braço.

— Não fique brava. O Cory não consegue deixar de agir feito um idiota perto de você. É que ele gosta de você.

— O Cory não gosta de mim — retruquei, desviando os olhos.

Mas ele meio que gostava de mim, e eu sabia disso. Só queria que não gostasse.

— Bom, pense o que quiser, mas ele gosta muito de você. E ainda acho que você deveria dar uma chance a ele. Para esquecer um pouco você-sabe-quem.

Virei a cabeça para o outro lado, e ela continuou:

— E se eu fizer uma trança do tipo boxeadora no seu cabelo para a festa de hoje à noite? Posso trançar só a parte da frente e prender na lateral, como da última vez.

— Tudo bem.

— O que você vai usar?  
— Não sei ainda.  
— Bom, você vai ter que ir bonita, porque vai estar todo mundo lá  
— disse Taylor. — Eu vou mais cedo pra sua casa, e a gente pode se arrumar juntas.

\* \* \*

Desde o oitavo ano, Justin Ettelbrick dava uma grande festa de aniversário todo mês de julho, quando eu já estava em Cousins Beach, e minha casa, a escola e os amigos da escola estavam a milhões de quilômetros de distância. Eu nunca me importara de perder a festa, nem mesmo quando Taylor me contou da máquina de algodão-doce que os pais de Justin alugaram, ou dos fogos de artifício incríveis que eles soltavam acima do lago, à meia-noite.

Era o primeiro verão que eu estaria em casa para a festa de Justin, e era o primeiro verão que eu não iria para Cousins. E com isso eu me importava. Isso eu lamentava. Eu achava que passaria todos os verões da minha vida em Cousins. A casa de praia era o único lugar onde eu queria estar — era o único lugar onde eu queria estar na vida.

— Você vai mesmo, né? — perguntou Taylor.

— Sim. Eu disse que ia.

Ela franziu o nariz.

— Eu sei, mas... — Ela hesitou. — Ah, deixa pra lá.

Eu sabia que Taylor esperava que as coisas voltassem ao normal, que tudo fosse como antes. Mas as coisas jamais poderiam ser como antes. Eu nunca mais seria como antes.

Eu costumava acreditar; achava que, se quisesse muito alguma coisa, se desejasse o bastante, tudo aconteceria como deveria. Era o destino, como dizia Susannah. Eu pedia por Conrad em todos os aniversários, a cada estrela cadente, a cada cílio meu que caía. Toda moeda atirada em uma fonte era dedicada àquele a quem eu amava. Eu achava que sempre seria assim.

Taylor queria que eu esquecesse Conrad, que eu simplesmente o apagasse da minha vida e da memória. Ficava dizendo coisas como

“todo mundo precisa superar o primeiro amor, é um rito de passagem”. Mas Conrad não era apenas meu primeiro amor. Ele não era um mero rito de passagem. Era muito mais que isso. Ele, Jeremiah e Susannah eram a minha família. Em minhas lembranças, os três estariam sempre interligados, conectados para sempre. Não poderia haver um sem os outros.

Se eu esquecesse Conrad, se o expulsasse do meu coração, fingisse que ele nunca havia existido, seria como se eu fizesse a mesma coisa com Susannah. E isso eu não podia fazer.

## 2

ANTES, NA SEMANA em que as aulas acabavam, em junho, nós colocávamos todas as coisas no carro e partíamos direto para Cousins. Minha mãe ia ao supermercado no dia anterior e comprava suco de maçã e caixas enormes de barras de cereal, protetor solar e cereal integral. Quando eu implorava para ela comprar as marcas de cereais mais açucaradas, minha mãe dizia: “A Beck vai ter uma porção de cereal que estraga os dentes, não se preocupe.” Claro que ela tinha razão. Susannah — que minha mãe chamava de Beck — adorava as marcas de cereais que só as crianças comiam, exatamente como eu. Nós comíamos muito cereal na casa de praia. Nunca dava tempo de eles ficarem mofados. Teve um verão em que os meninos comeram cereal no café da manhã, no almoço e no jantar. Meu irmão, Steven, comia Frosted Flakes; Jeremiah era fã do Cap’n Crunch; e Conrad, do Corn Pops. Jeremiah e Conrad eram os filhos da Beck e adoravam seus cereais. Eu comia qualquer coisa que sobrasse e que fosse coberta de açúcar.

Passei todos os verões da minha vida em Cousins. Nunca deixamos de ir para lá no verão, em nenhum ano. Foram quase

dezessete anos que passei brincando de alcançar os garotos, com a esperança e o desejo de que um dia eu tivesse idade suficiente para participar do grupinho deles. O grupinho dos garotos do verão. Eu finalmente chegara lá, mas já era tarde demais. Na piscina, na última noite do último verão, dissemos que sempre voltaríamos. É assustadora a facilidade com que promessas são quebradas. Assim, do nada.

Quando voltei para casa, no verão passado, eu esperei. Agosto virou setembro, as aulas começaram, e continuei esperando. Não que Conrad e eu tivéssemos trocado declarações. Não que ele fosse meu namorado. Tudo que fizemos foi nos beijar. Ele estava indo para a faculdade, onde haveria um milhão de outras meninas, todas sem hora para voltar para casa. As garotas no alojamento dele eram todas mais inteligentes e mais bonitas que eu, todas novas e misteriosas, de um jeito que eu jamais poderia ser.

Eu pensava nele o tempo todo, me perguntava o que tudo aquilo tinha significado, o que éramos um para o outro. Porque não podíamos voltar atrás. Eu sabia que *eu* não podia. O que aconteceu entre nós — entre mim e Conrad, entre mim e Jeremiah — tinha mudado tudo. Assim, quando agosto começou e logo depois veio setembro e o telefone não tocou, tudo que eu precisei fazer foi pensar na maneira como ele olhara para mim naquela última noite, e eu soube que ainda havia esperança. Soube que não tinha imaginado tudo aquilo. Não poderia ter imaginado.

Segundo minha mãe, Conrad dividia um quarto no alojamento da faculdade com um colega chato de Nova Jersey, e Susannah estava preocupada que ele não estivesse se alimentando direito. Minha mãe me contava essas coisas casualmente, sem a menor cerimônia, para não ferir meu orgulho. Eu nunca a pressionava pedindo mais informações. A questão era que eu sabia que ele ligaria. *Sabia*. Bastava esperar.

Recebi a ligação na segunda semana de setembro, uns vinte dias depois que nos vimos pela última vez. Eu estava em casa, tomando sorvete de morango na sala, brigando com Steven pelo controle remoto. Eram nove da noite de segunda-feira, horário nobre na TV. O telefone tocou, e nem Steven nem eu fizemos menção de atender. Quem se levantasse perderia a batalha pela TV.

Minha mãe atendeu a ligação no escritório dela, depois trouxe o telefone até a sala, anunciando:

— Belly, é pra você. É o Conrad.

E deu uma piscadela.

Fiquei toda alvoroçada. O barulho do mar zumbia em meus ouvidos, meus tímpanos dominados pela agitação e pelo rugido das ondas. Senti uma espécie de barato. Foi o máximo. Eu tinha esperado, e aquela era a minha recompensa! Nunca foi tão bom estar certa, ter paciência.

Foi Steven quem me arrancou daquele devaneio. Franzindo a testa, ele perguntou:

— Por que o Conrad ligaria pra você?

Ignorei meu irmão, peguei o telefone e dei as costas para Steven, para o controle remoto e para o pote de sorvete derretendo. Nada disso importava.

Fiz Conrad esperar até eu chegar à escada antes de dizer qualquer coisa.

— E aí? — falei, me sentando nos degraus.

Tentei não sorrir. Sabia que ele perceberia o sorriso do outro lado da linha.

— E aí? — disse ele. — Como você está?

— Tudo bem.

— Adivinha só. Meu colega de quarto ronca ainda mais alto que você.

Conrad me ligou de novo na noite seguinte, e na outra. Conversávamos por horas. Steven ficava bem confuso quando o telefone tocava e era para mim, não para ele.

— Por que o Conrad fica ligando pra você? — perguntava meu irmão.

— Por que você acha? Ele gosta de mim. Nós gostamos um do outro.

Steven quase engasgou.

— Ele pirou — retrucou, balançando a cabeça.

— É tão impossível que Conrad Fisher goste de mim? — perguntei, cruzando os braços, desafiadora.

Ele nem precisou pensar na resposta.

— Sim. É completamente impossível.

E, para ser bem sincera, era mesmo.

\* \* \*

Era como um sonho. Surreal. Depois de tanto desejar, pedir, querer, anos e anos de espera, verões inteiros, *e/le* estava ligando para *mim*. Conrad gostava de conversar comigo. Eu o fazia dar risada mesmo quando ele não queria. Eu compreendia o que ele estava passando, porque meio que estava passando por aquilo também. Havia poucas pessoas no mundo que amavam Susannah como nós. Eu achava que isso bastaria.

Nós nos tornamos alguma coisa, eu e ele, algo que nunca ganhou exatamente uma definição, mas era alguma coisa. Alguma coisa de verdade.

Teve vezes em que ele dirigiu as três horas e meia da faculdade até minha casa. E chegou a passar a noite aqui uma vez, porque ficou tão tarde que minha mãe não quis que ele voltasse dirigindo. Conrad ficou no quarto de hóspedes, e eu fiquei deitada na minha cama, acordada durante horas, pensando em como ele estava dormindo a apenas poucos metros de distância, justamente na *minha casa*.

Se Steven não tivesse ficado pairando sobre nós como uma doença, sei que Conrad teria pelo menos tentado me beijar. Mas com meu irmão por perto, foi basicamente impossível. Quando Conrad e eu estávamos vendo TV, Steven pulava bem no meio, entre nós dois. Ele conversava com Conrad sobre assuntos que eu não sabia ou que não me interessavam, tipo futebol. Uma vez, depois do jantar, perguntei a Conrad se ele queria tomar sorvete no Brusters, e Steven foi logo se metendo, todo animadinho: “Acho ótimo.” Olhei furiosa para ele, que apenas sorriu. Conrad pegou na minha mão bem na frente de Steven e disse:

— Vamos todo mundo.

Então fomos todos, até minha mãe. Eu não podia acreditar que estava saindo com um cara tendo a minha mãe e o meu irmão como companhia no banco de trás do carro.

Mas, na verdade, isso só tornou aquela incrível noite de dezembro ainda melhor. Conrad e eu voltamos para Cousins, apenas nós dois. Noites perfeitas acontecem muito raramente, mas aquela foi assim. Perfeita. Foi o tipo de noite pela qual vale a pena esperar.

Fico feliz que tenhamos tido aquela noite.

Porque, em maio, tudo estava acabado.

### 3

SAÍ CEDO DA casa de Marcy. Disse a Taylor que eu queria descansar para a festa de Justin naquela noite. Em parte, era verdade. Eu realmente queria descansar, mas não estava nem aí para a festa. Assim que cheguei em casa, vesti uma camiseta larga com o nome de Cousins, enchi uma garrafa com refrigerante de uva e gelo picado e fiquei vendo TV até sentir dor de cabeça.

Por sorte, estava tudo na maior paz e silêncio, apenas o som da TV e do motor do ar-condicionado armando e desarmando. Eu tinha a casa toda só para mim. Naquele verão, Steven estava trabalhando na Best Buy, economizando para comprar uma TV de tela plana de 50 polegadas, que levaria para a faculdade no outono. Minha mãe estava em casa, mas passou o tempo todo trancada no escritório, colocando o trabalho atrasado em dia.

Eu compreendia. Se fosse ela, também ia querer ficar sozinha.

Taylor chegou perto das seis da tarde, munida de sua bolsa de maquiagem rosa-choque da Victoria's Secret. Entrou na sala, me viu deitada no sofá ainda de camiseta e franziu a testa.

— Belly, você ainda nem tomou banho?

— Para sua informação, eu tomei banho hoje de manhã — respondi, sem me levantar.

— É, e passou o dia todo deitada no sol.

Ela agarrou meus braços, e deixei que me levantasse até eu ficar sentada.

— Vamos logo, já pro banho.

Eu a acompanhei até o andar de cima, e ela foi para o meu quarto enquanto eu me dirigi ao banheiro do corredor. Tomei o banho mais rápido da minha vida. Taylor era uma grande enxerida e, deixada sozinha no meu quarto, ia bisbilhotar tudo sem o menor pudor, mexeria nas coisas como se fosse o quarto dela.

Quando entrei, ela estava sentada no chão, na frente do espelho. Com gestos rápidos, espalhava bronzeador no rosto.

— Quer que eu faça a sua maquiagem também?

— Não, obrigada — respondi. — Feche os olhos enquanto eu me visto, está bem?

Ela revirou os olhos antes de fechá-los.

— Belly, você é tão puritana.

— Sou mesmo — falei, colocando a calcinha e o sutiã. Então vesti a camiseta de Cousins de novo. — Pronto, pode olhar.

Taylor arregalou os olhos e passou rímel nos cílios.

— Posso fazer suas unhas. Tenho três cores novas.

— Não, não tem por quê.

Ergui as mãos. Minhas unhas estavam roídas até o sabugo.

Taylor deu um sorriso triste.

— E então, o que você vai usar?

— Isto aqui — respondi, disfarçando o sorriso.

Apontei para minha camiseta, que de tão usada já tinha buraquinhos ao redor da gola e era macia como um cobertor de criança. Queria poder usá-la para a festa.

— Engraçadinha — disse ela, indo de joelhos até meu armário.

Taylor se levantou e começou a vasculhar as roupas, empurrando cabides para o lado, como se já não conhecesse de cor todas as peças que eu tinha. Normalmente, eu não me importava com aquilo, mas, naquele dia, tudo estava me incomodando e me deixando irritada.

— Não se preocupe. Vou com meu short e uma regata.

— Belly, as pessoas se arrumam para as festas do Justin. Você não tem como saber, porque nunca foi a nenhuma, mas não pode simplesmente usar seu short velho.

Taylor tirou meu vestido branco do armário. Eu o usara pela última vez no verão anterior, em uma festa com Cam. Susannah tinha dito que o vestido parecia emoldurar meu corpo.

Levantei, peguei o vestido da mão de Taylor e o coloquei de volta no armário.

— Esse está manchado — expliquei. — Vou encontrar outra coisa.

Taylor se sentou de volta na frente do espelho, dizendo:

— Bom, então usa aquele vestido preto com florezinhas. Ele deixa seus peitos incríveis.

— É justo demais, fica desconfortável.

— Ah, vai... Por favor!

Suspirando, tirei o vestido do cabide e o coloquei. Às vezes, era mais fácil simplesmente ceder aos pedidos de Taylor. Éramos melhores amigas desde pequenas; nossa amizade existia havia tanto tempo que era mais como um hábito, o tipo de coisa sobre a qual não temos muito o que dizer.

— Viu? Ficou lindo.

Ela veio até mim e fechou o zíper.

— Agora vamos falar sobre nosso plano de ação.

— Que plano de ação?

— Acho que você e Cory Wheeler deviam ficar.

— Taylor...

Ela ergueu a mão.

— Só me escute. O Cory é superlegal e supergatinho. Se ele malhasse e ficasse mais definido, seria gato tipo um modelo da Abercrombie.

Bufei, impaciente.

— Ora, por favor.

— Bom, ele pelo menos é tão gatinho quanto aquele que começa com C.

Ela nunca mais o chamara pelo nome. Agora, ele era apenas o “você sabe quem” ou “o que começa com C”.

— Taylor, pare de ficar me pressionando. Eu não consigo esquecer o Conrad só porque você quer que eu esqueça.

— Você não pode pelo menos tentar? O Cory poderia ser só uma distração. Ele não ia se importar.

— Se você mencionar o Cory mais uma vez, eu não vou à festa — avisei, e estava falando sério.

Na verdade, eu meio que torci para ela falar nele de novo, só para eu ter uma desculpa para não ir.

Taylor arregalou os olhos.

— Está bem, está bem. Desculpa. Da minha boca não sai mais uma palavra sobre esse garoto.

Ela agarrou a bolsa de maquiagem e sentou na beira da minha cama; eu me sentei aos seus pés. Com um pente, repartiu meu cabelo, depois fez uma trança, com dedos rápidos e seguros. Quando terminou, prendeu a trança no topo da minha cabeça, puxando para a lateral. Nenhuma de nós disse nada enquanto ela fazia o penteado, até ela comentar:

— Adoro seu cabelo assim. Você fica parecendo uma americana nativa, tipo uma princesa Cherokee ou coisa parecida.

Comecei a rir, mas parei. Taylor me encarou pelo espelho e disse:

— Não tem problema em dar risada, sabe. Não há mal nenhum em se divertir.

— Eu sei — falei, mas na verdade não sabia.

\* \* \*

Antes de sairmos, dei uma passada no escritório da minha mãe, que estava sentada diante da mesa com pastas e pilhas de papel. Susannah nomeara minha mãe executora de seu testamento, e acho que isso envolvia muita burocracia.

Minha mãe passava muito tempo ao telefone com o advogado de Susannah, analisando as informações. Ela queria que os últimos desejos de Beck fossem perfeitamente atendidos.

Susannah deixara para Steven e para mim um pouco de dinheiro para a faculdade. Também havia me deixado algumas joias: um bracelete de safira que eu não conseguia me imaginar usando, um

colar de diamante para o dia do meu casamento — o que estava especificamente registrado por escrito —, um conjunto de brincos e anel de opala, meus preferidos.

— Mãe?

Ela ergueu os olhos para mim.

— Oi, filha.

— Você jantou?

Eu sabia que não. Ela não saíra do escritório desde que eu tinha chegado em casa.

— Não estou com fome. Se não tiver comida na geladeira, você pode pedir uma pizza.

— Posso preparar um sanduíche pra você.

Eu tinha ido ao mercado no começo da semana. Steven e eu estávamos nos revezando. Eu duvidava de que ela sequer tinha se dado conta de que era o fim de semana do feriado de Quatro de Julho.

— Não, tudo bem. Eu mesma preparo alguma coisa mais tarde.

— Está bem. — Mas hesitei. — Taylor e eu vamos a uma festa. Não vou chegar muito tarde.

Parte de mim esperava que ela me dissesse para não sair. Parte de mim queria se oferecer para ficar em casa e fazer companhia a ela, para ver se talvez ela quisesse fazer pipoca e ver o que estava passando no canal de filmes clássicos.

Mas minha mãe já havia voltado para a papelada e estava mordiscando a caneta.

— Parece legal. Se cuide.

Fechei a porta ao sair.

Taylor esperava por mim na cozinha, mandando mensagens de texto pelo celular.

— Vamos logo.

— Espere um pouco, só preciso fazer mais uma coisa.

Fui até a geladeira e peguei os itens para preparar um sanduíche de peito de peru, mostarda, queijo e pão branco.

— Belly, vai ter comida na festa. Não coma isso agora.

— É para minha mãe — respondi.

Preparei o sanduíche, coloquei em um prato, cobri com filme plástico e o deixei em cima do balcão, onde ela o veria.

\* \* \*

A festa de Justin era tudo que Taylor disse que seria. Metade da nossa turma estava lá, e os pais dele não pareciam estar por perto. Tochas de bambu iluminavam o jardim, e as caixas de som praticamente vibravam, de tão alta que estava a música. As meninas já estavam dançando.

Havia um barril grande e um imenso cooler vermelho. Justin cuidava da grelha, assando carne e linguiça. Estava usando um avental com a frase BEIJE O CHEF.

— Como se alguém fosse ficar com ele — zombou Taylor.

Ela tinha dado uma chance a Justin no começo do ano, antes de ficar com o atual namorado, Davis. Taylor e Justin saíram algumas vezes antes de ele trocá-la por uma garota mais velha.

Eu tinha me esquecido de passar repelente, e os mosquitos estavam me devorando, então eu não parava de abaixar para coçar as pernas, mas até que estava contente por ter alguma coisa para fazer. Eu estava com medo de fazer contato visual com Cory sem querer. Ele estava perto da piscina.

As pessoas bebiam cerveja em copos plásticos vermelhos. Taylor pegou uns drinques com fruta e vinho para nós duas. O meu se chamava *Fuzzy Navel*. Estava muito doce e tinha gosto de produtos químicos. Tomei dois goles antes de jogar fora.

Então Taylor viu Davis perto da mesa em que jogavam a bola de pingue-pongue dentro de copos de cerveja, levou um dos dedos aos lábios e agarrou minha mão. Nós nos aproximamos por trás dele, e Taylor passou os braços pelas costas do namorado, anunciando:

— Peguei você!

Davis se virou, e eles se beijaram como se não tivessem se visto poucas horas antes. Fiquei lá parada por um instante, segurando minha bolsa sem saber o que fazer, olhando para todos os lados, menos para os dois. O nome dele era Ben Davis, mas todo mundo o chamava de Davis. Ele era muito fofo, tinha covinhas e olhos verdes como vidro marinho. E era baixo, o que, no começo, Taylor dizia ser um empecilho, mas agora alegava não importar tanto. Eu odiava ir para a escola de carro com eles, porque ficavam o tempo todo de

mãos dadas, enquanto eu ia sentada no banco de trás, que nem uma criancinha. Os dois terminavam o namoro pelo menos uma vez por mês, e só estavam juntos desde abril. Em uma das brigas, Davis ligou para ela, aos prantos, pedindo para voltar, e Taylor o colocou no viva-voz. Eu me senti culpada por escutar a conversa, mas ao mesmo tempo com inveja e meio surpresa que ele se importasse tanto a ponto de chorar.

— O Pete vai ao banheiro — disse Davis, passando um dos braços pela cintura de Taylor. — Você fica aqui para fazer dupla comigo até ele voltar?

Ela olhou para mim e balançou a cabeça. Então se desvencilhou do abraço.

— Não posso deixar a Belly.

Olhei para ela.

— Taylor, você não precisa ficar de babá. Vai lá jogar.

— Tem certeza?

— Claro, tenho certeza.

Eu me afastei antes que ela pudesse discutir comigo. Cumprimentei Marcy e Frankie, com quem costumava pegar o ônibus para a escola no ensino fundamental; Alice, que era minha melhor amiga no jardim de infância; Simon, ao lado de quem eu estava na foto do anuário da escola. Era gente que eu conhecia a vida inteira. Mesmo assim, só conseguia pensar como sentia tanta saudade de Cousins.

De canto de olho, vi Taylor conversando com Cory e saí correndo antes que ela conseguisse me chamar. Peguei um refrigerante e fui até o trampolim. Como ainda não havia ninguém lá, tirei as sandálias de dedo e subi. Eu me deitei bem no meio, tomando cuidado para minha saia não levantar. O céu estava cheio de estrelas, que pareciam manchas de diamante. Bebi minha Coca-Cola, soltei alguns arrotos e olhei ao redor, para ver se alguém tinha escutado. Mas, não, todo mundo estava na casa. Então tentei contar estrelas, que é basicamente tão bobo quanto contar grãos de areia, mas contei mesmo assim, porque era alguma coisa para fazer. Fiquei pensando quando conseguiria escapar e voltar para casa. Havíamos ido com meu carro, e Taylor poderia voltar de carona com

Davis. Então me perguntei se ficaria estranho eu levar alguns cachorros-quentes para comer mais tarde.

Fazia pelo menos duas horas que eu não pensava em Susannah. Talvez Taylor tivesse razão, talvez fosse ali que eu deveria estar. Se eu continuasse querendo estar em Cousins, se continuasse olhando para o passado, estaria condenada para sempre.

Enquanto eu pensava nisso, Cory Wheeler subiu no trampolim e veio até o meio, onde eu estava. Deitou bem ao meu lado e disse:

— E aí, Conklin?

Desde quando Cory e eu nos tratávamos pelo sobrenome? Desde nunca.

Mas decidi seguir com a brincadeira:

— E aí, Wheeler?

Tentei não olhar para ele. Tentei me concentrar na contagem das estrelas e não pensar em quanto ele estava perto de mim.

Cory se apoiou em um dos cotovelos e perguntou:

— Está se divertindo?

— Claro.

Meu estômago estava começando a doer. Fugir de Cory estava me dando uma úlcera.

— Já avistou alguma estrela cadente?

— Ainda não.

Ele cheirava a perfume, cerveja e suor. Estranhamente, não era uma combinação ruim. Os grilos cricilavam muito alto, e a festa parecia estar muito distante.

— E então, Conklin.

— Sim?

— Você ainda está saindo com aquele cara com quem foi ao baile de formatura? O que tem uma monocelha?

Sorri. Não consegui evitar.

— Conrad não tem monocelha. E, não. Nós, ahn, terminamos.

— Legal — respondeu ele, e a palavra ficou pairando no ar.

E esse foi um daqueles momentos do tipo encruzilhada. A noite poderia ir para qualquer um dos lados. Se eu me inclinasse um pouquinho para a esquerda, poderia beijá-lo. Poderia fechar os olhos e me perder em Cory Wheeler. Poderia seguir em frente e esquecer. Ou pelo menos fingir.

Mas, apesar de Cory ser uma graça e até ser legal, ele não era Conrad. Nem de perto. Cory era simples, correto, tudo nele era harmonioso e ia na mesma direção. Conrad, não. Conrad fazia meu estômago dar um nó só com um olhar, um sorriso.

Cory estendeu a mão e mexeu no meu braço descontraidamente.

— Então, Conklin, quem sabe a gente...

Eu me sentei, de repente, e disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Caramba, preciso fazer xixi. Te vejo depois, Cory!

Dei um jeito de sair do trampolim o mais rápido possível, encontrei minhas sandálias e voltei para a casa. Vi Taylor perto da piscina e segui direto até ela.

— Preciso falar com você — disse baixinho.

Agarrei a mão dela e a puxei para a mesa de petiscos.

— Tipo, tem uns cinco segundos que o Cory Wheeler quase me convidou para sair.

— E aí? O que você disse?

Os olhos de Taylor estavam radiantes, e eu detestei a expressão de convencida dela, como se tudo estivesse saindo conforme o planejado.

— Eu disse que precisava fazer xixi — respondi.

— Belly! Pode voltar para aquele trampolim e ficar com ele!

— Taylor, quer parar com isso? Eu disse que não estava interessada no Cory. Eu vi você conversando com ele mais cedo. Você pediu pra ele me chamar pra sair?

Ela deu de ombros.

— Bom, ele passou o ano todo a fim de você, e tem pensado em chamar. Talvez eu tenha dado só um empurrãozinho. Vocês dois estavam tão bonitinhos juntos lá no trampolim.

Balancei a cabeça.

— Eu realmente gostaria que você não tivesse feito isso.

— Eu só estava tentando ajudar você a se distrair!

— Bem, eu não preciso que você faça isso — falei.

— Precisa, sim.

Ficamos nos encarando por um tempo. Às vezes, em dias como aquele, eu tinha vontade de esganá-la. Ela era sempre muito mandona. Estava ficando de saco cheio da Taylor me empurrar para

cá e para lá, me vestindo como se eu fosse uma de suas bonecas mais maltrapilhas e sem graça. As coisas sempre foram assim entre nós.

Mas a verdade era que eu finalmente tinha uma desculpa real para ir embora, e me sentia aliviada.

— Acho que vou pra casa.

— Que papo é esse? Nós acabamos de chegar.

— Só não estou a fim de ficar aqui, está bem?

Acho que ela estava ficando de saco cheio de mim também, porque disse:

— Acho que já vi esse filme, Belly. Tem meses que você está deprimida. Isso não é nada saudável... minha mãe acha que você deveria se consultar com alguém.

— O quê? Você conversou com sua mãe sobre mim?

Olhei furiosa para ela.

— Fala para sua mãe guardar os conselhos psiquiátricos dela para a Ellen.

Taylor arfou.

— Não acredito que você disse isso.

Segundo a mãe de Taylor, a gata delas, Ellen, tinha transtorno afetivo sazonal. A bichana tomou antidepressivos o inverno todo e, como ainda estava de mau humor na primavera, elas a mandaram para um encantador de gatos. Só que não adiantou nada. Na minha opinião, Ellen era má, mesmo.

Respirei fundo.

— Fiquei ouvindo você chorando por causa da Ellen durante meses, e daí a Susannah morre e você quer que eu simplesmente fique com o Cory, me divirta em uma festa e pare de pensar nela? Bem, sinto muito, mas não consigo fazer isso.

Taylor olhou ao redor rapidamente antes de se aproximar de mim e dizer:

— Não aja como se a Susannah fosse a única coisa que está deixando você triste, Belly. Você está triste por causa do Conrad também, e sabe disso.

Não acreditei que ela havia tido coragem de dizer aquilo. Doeu. Doeu porque era verdade. Mas, ainda assim, foi um golpe baixo. Meu pai costumava chamar Taylor de indomável. E ela era mesmo.

Mas, para o bem ou para o mal, Taylor Jewel era parte de mim, e eu era parte dela.

— Nem todos podem ser como você, Taylor — falei, sem querer ser muito maldosa.

— Mas dá para tentar — sugeriu ela, dando um sorrisinho. — Olha, me desculpa pelo lance com o Cory. Eu só quero que você seja feliz.

— Eu sei.

Ela passou o braço pelo meu ombro, e eu deixei.

— Vai ser um verão incrível, você vai ver.

— Incrível — repeti.

Eu não estava procurando por nada incrível. Eu só queria sobreviver. Seguir em frente. Se conseguisse sobreviver a esse verão, o seguinte seria mais fácil. Teria que ser.

Então fiquei mais um pouco na festa. Eu me sentei na varanda com Davis e Taylor, vendo Cory dar em cima de uma garota do segundo ano. Comi um cachorro-quente. E depois fui para casa.

\* \* \*

Em casa, o sanduíche ainda estava em cima do balcão, enrolado no plástico filme. Guardei-o na geladeira e subi a escada. A luz do quarto da minha mãe estava acesa, mas não entrei para dar boa-noite. Fui direto para o meu quarto, vesti outra vez minha camiseta largona, desfiz a trança, escovei os dentes e lavei o rosto. Então fui para debaixo das cobertas e fiquei deitada, pensando. Pensei: *Então a vida agora é assim. Sem Susannah, sem os meninos.*

Fazia dois meses. Eu tinha sobrevivido a junho. Pensei comigo mesma: *Eu consigo fazer isso. Consigo ir ao cinema com a Taylor e o Davis, consigo nadar na piscina da Marcy, talvez até consiga sair com Cory Wheeler. Se eu fizer essas coisas, vai ficar tudo bem. Talvez as coisas fiquem mais fáceis se eu me permitir esquecer como era bom.*

Mas, naquela noite, sonhei com Susannah e a casa de praia, e mesmo no meu sonho eu sabia exatamente como era tudo tão bom.

Como era tudo tão certo. E não importa o que a gente faça ou quanto a gente tente, não dá para impedir os sonhos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trilogia Verão 2 - Sem você não é verã..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).